

GAIO

BOLETIM ELETRÔNICO DAS
XII JORNADAS DA EBP - SEÇÃO SÃO PAULO

#06



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo



SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 ESCRITA GAIA
- 11 ESP DE UM RISO
- 13 ESTÃO FAZENDO ARTE
- 17 ACONTECE NA CIDADE
- 19 PROGRAMA DAS XII JORNADAS
- 25 RSRRSRS

#06 – OUTUBRO 2023

EDITORIAL

Gustavo Oliveira Menezes
Membro da EBP/AMP
Coordenador Geral das XII Jornadas da EBP-SP



Imagem: *Aquarius* (Kleber Mendonça Filho, 2016. Diretores de fotografia: Pedro Sotero e Fabricio Tadeu).
Fonte: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/180967>

É com grande alegria que escrevo esse editorial para o último boletim Gaio antes das nossas XII Jornadas da EBP – Seção São Paulo: R.I.S.o, que ocorrerão nos dias 27 e 28 de outubro, exclusivamente presencial, no Hotel Meliã em São Paulo. Foram meses de trabalho intenso e dedicado de cada um que apostou e contribuiu para que chegássemos até esse momento. Por isso, não poderia deixar de agradecer a todos os coordenadores e trabalhadores decididos das comissões. Agradeço também aos que escreveram para o nosso boletim, convergindo em um rico e indispensável material de consulta para adentrarmos de cabeça no tema.

Nessa edição de número 6, o leitor poderá acompanhar, mais uma vez, o trabalho conjunto de todas as comissões. Começamos pela rubrica **Escrita Gaia** com o texto de Cleyton Andrade (EBP/AMP), no qual o autor faz um percurso pelo diálogo socrático e as sátiras menipeias para colocar em questão o sério-cômico e os semblantes que se apresentam como verdades no mundo. Afinal, o riso poderia tocar para-além da barreira do sério? Se os discursos não passam de semblantes, a psicanálise deve abandonar o diálogo? Ao longo de uma análise, o uso do riso pode levar ao monólogo do gozo? Questões provocativas e que valem a leitura.

Na sequência, nossas colegas Emelice Prado e Silvana de Oliveira (associadas ao CLIN-a) fazem um percurso sobre o caminho de uma análise, do inconsciente transferencial ao sem sentido e ao furo, partindo da obra *Macunaíma* de Mário de Andrade. Sua poesia, por vezes incompreensível, nos faz rir e mudar de direção, consentindo com o inesperado. O que aguardar de nossas Jornadas se nos deixarmos levar por essa língua chistosa?

Em **Esp de um riso**, Carlos Ferraz (associado à CLIPP) traz uma importante contribuição para pensarmos o futuro da psicanálise ao relacionar sua política ao riso. Diante dos ataques que

nosso campo pode sofrer, é preciso se guiar pelo real e pela opacidade do sintoma. E Carlos se pergunta: qual a interpretação possível? Como sustentar a psicanálise a partir da ironia e do riso?

Na rubrica **Estão fazendo arte**, as coordenadoras da comissão de arte e cultura, Flávia Corpas (associada ao CLIN-a) e Patrícia Bichara (EBP/AMP) fazem um extenso percurso em Freud, Lacan e outros autores para questionar a relação entre arte e psicanálise. O texto é fruto do que o próprio trabalho enquanto coordenadoras da comissão ressoou, tendo como o riso a dobradiça entre os dois campos. Afinal, por que a arte interessaria aos psicanalistas? Como a interpretação, a escrita poética, o chiste, o belo podem se interligar para produzir ondas através do riso?

Nessa reta final, a comissão de acolhimento vem trabalhando incansavelmente para receber a todos. Em **Acontece na cidade**, não poderíamos deixar de fora a 35ª Bienal de São Paulo, o maior evento de arte contemporânea das Américas e que este ano traz o tema *Coreografias do impossível*. Imperdível! Além disso, vocês encontrarão as opções de restaurantes próximos ao local do evento das XII Jornadas para irem se programando.

A **Livraria no ar** sairá do on-line diretamente para nossas mãos e com vários títulos do Campo freudiano. Não deixem de conferir o espaço montado durante o evento e fiquem atentos aos horários de atendimento no local. Contaremos também com a parceria da Livraria da Tarde com títulos para além do campo psicanalítico.

Por fim, esse último boletim traz o tão aguardado **Programa das XII Jornadas**. Além da conferência de abertura do nosso convidado, Gustavo Stiglitz (AME da EOL/AMP), teremos a oportunidade de escutar e discutir como o riso incide na clínica, no conceito e na política da psicanálise, juntamente com os vários colegas que colocarão sua prática a céu aberto nas plenárias e nas salas simultâneas.

Desde o lançamento do tema de trabalho no início deste ano de 2023, apostamos que com a saída do período grave da pandemia e com as perspectivas de manutenção da democracia em nosso país, precisávamos convocar o riso, seja como momento para concluir ou para inaugurar um novo tempo para compreender, menos angustiante. Mas o real insiste, e o mal-estar no mundo não deixa de bater à nossa porta. Não temos outra escolha, o futuro da psicanálise ali depende, mas podemos sempre escolher a via do Gaio saber.

Aguardamos a todos! Desejo excelentes Jornadas!

ESCRITA GAIA

**CARNAVALIZAÇÃO DO RISO
DE UMA PSICANÁLISE MENIPEIA**

Cleyton Andrade
Membro da EPB e AMP

Já riu do Dino hoje? Demos boas risadas com ele nas inúmeras vezes em que compareceu ao Senado Federal no primeiro semestre de 2023. Isso rendeu uma série de vídeos, memes, etc, que surfaram nos risos provocados ali.

Num diálogo entre Tiquíades e Fílocles, numa cidade no oriente do Império Romano, a respeito da adesão e satisfação das pessoas em torno da mentira, o primeiro relata ao segundo uma série de conversas ocorridas na casa de Êucrates envolvendo diversos outros convidados. Cleodemo conta como se deve curar uma doença coletando, com a mão esquerda, o dente de uma fuinha enrolando-o na pele de um leão amarrando em volta da perna para parar a dor¹. Transcorre uma discussão se não deveria ser com a pele de uma fêmea de veado ainda virgem, devido à sua velocidade inquestionável, e, por outro lado, pelo fato da gordura e da juba do leão, apesar de serem eficientes para outras enfermidades, com certeza não seria a melhor indicação para uma doença nos pés. Cleodemo diz que um sábio da Líbia disse que leões são mais velozes que veados, senão não os caçariam. Acompanhando a discussão, Tiquíades intervém dizendo que tais doenças não poderiam ser curadas assim nem que se “enrolasse dezesseis fuinhas na pele do leão de Nemeia caçado e morto pelo próprio Hércules!”². E ainda acrescenta: “Eu mesmo já vi muitas vezes um leão mancando de dor mesmo que estivesse todo envolto na sua própria pele!”³.

Seguiu-se quase um simpósio grego improvisado entre os participantes, todos discípulos de Platão, Aristóteles e de outras escolas filosóficas. O empenho era na tentativa de demovê-lo de sua incredulidade. Dentre os argumentos, relatam que Gláucio, após receber uma herança, apaixonou-se por Crísis. Para ajudá-lo, recorreram a um mago hiperbóreo do Pólo Norte que indicou uma magia com grande complexidade. Era preciso esperar a lua cheia, fazer um buraco no chão à meia-noite, invocar o pai do jovem, depois Hécate para que viesse dos infernos com Cérbero, baixar a lua na terra, evocar uma forma de mulher que se tranforma em uma bela vaca e depois em um filhote de cão⁴. Vou poupar-lhes dos detalhes tanto para não cansá-los quanto



Abelardo Barbosa (Chacrinha). Acervo/Globo — Foto: Globo
Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/cassino-do-chacrinha/noticia/cassino-do-chacrinha.ghtml>

1 SAMOSATA, L. (autor do sec. II d.C.). *Os amigos da mentira*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

2 *Ibid*, p. 21.

3 *Ibid*.

4 *Ibid*

para evitar que saiam por aí cavando buracos em noite de lua cheia... Enfim, o mago modelou um Cupido de argila e ordenou: “Vai e traz Crísis!”⁵. E não é que a imagem saiu voando e trouxe-a para os braços e para a cama de Gláucio!

Ouvindo tudo isso com atenção, Tiquíades faz a réplica: “conheço essa Crísis de quem você está falando (...) e não vejo por que vocês tiveram que usar um embaixador de argila, um mago hiperbóreo e a própria lua, sendo que era possível ela ser levada para onde vocês quiserem (...) por vinte dracmas! Essa mulher dá-se muito bem com esse tipo de fórmula mágica – umas moedas”⁶.

Há uma tradição que confere uma grande importância ao diálogo na literatura, em contraposição ao monólogo. A literatura faz um apelo polifônico, um apelo ao diálogo, à inclusão e implicação de um ouvinte que potencializa a conversação, ao contrário da forma monológica da concentração do falante em si mesmo e no objeto do qual se propõe falar. O monólogo é sério nos textos da lei, no discurso científico, na teoria, discursos religiosos, etc. O dogmatismo é monológico. Para Bakhtin, o enunciado, segundo sua função, pode ser cotidiano, científico, etc; e quanto à relação com o ouvinte, pode ser, por exemplo, diálogo ou monólogo⁷.

Para Bakhtin a dialogicidade do discurso, justamente devido à sua polifonia, ao envolver a relação do sujeito com a realidade numa auréola estilística, modifica essa relação. A conversação, a dialogicidade com o interlocutor determina tanto o discurso quanto a relação com o objeto, com a realidade⁸. Se no monólogo se concentra mais na lógica das formulações, no diálogo o interlocutor é um elemento determinante do próprio discurso. Daí uma necessidade histórica de dialogização do monólogo⁹.

Bakhtin¹⁰ ao analisar a poética de Dostoiévsky chama a atenção que o romance polifônico desse autor não tomou o divertido e o cômico como um fim, embora se valesse da combinação de duas raízes da antiguidade: o diálogo socrático e as sátiras menipeias.

Estamos acostumados a ler O Banquete, como texto do campo do sério. Na psicanálise, habitualmente lemos estes textos com a seriedade que expulsa o riso próprio a este gênero, ignorando o aspecto carnavalesco do aparecimento dos seres hermafroditas e esféricos, para ficar em um pequeno exemplo. Os diálogos socráticos são inseridos no gênero do sério-cômico, sendo impregnados de uma cosmovisão carnavalesca que se caracteriza por colocar a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade¹¹. Mesmo que ainda portem elementos retóricos, estes sofrem influência do “clima de alegre relatividade da cosmovisão carnavalesca: debilitam-se a sua seriedade retórica unilateral, a racionalidade, a univocidade e o dogmatismo”¹². O sério-cômico toma o cotidiano como ponto de formalização e apreciação da realidade, modificando-

5 *Ibid*, p. 29.

6 *Ibid*. p. 30.

7 BAKHTIN, M. *Os gêneros de discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

8 *Ibid*.

9 *Ibid*.

10 BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

11 *Ibid*.

12 *Ibid*, p. 112.

-a. Neste gênero se destacam a pluralidade de estilos, a variedade de vozes, a politonalidade da narração fundindo sublime e vulgar, sério e cômico, *pathos* e *logos*.

Os dois procedimentos do diálogo socráticos são a síncri-se – confrontação de diferentes pontos de vista – e a anácrise – método pelo qual se provocam as palavras do interlocutor para fazê-lo falar; uma forma de provocar a palavra com a palavra – operam em meio à cosmovisão carnavalesca que abala os semblantes e o Outro.

O outro gênero é a menipeia, que tem como seu principal nome o autor dos diálogos que eu trouxe no início, Luciano de Samosata, que viveu no século II. As menipeias sofrem influência direta do folclore carnavalesco e marcaram a literatura cristã antiga e medieval. Durante o Renascimento talvez tenha sido o gênero mais importante. Nelas o elemento cômico é acentuado e atrelado às fantasias mais audaciosas, à desmedida, sempre para criar situações extraordinárias que se materializem na figura de um herói à procura da verdade. As menipeias são as aventuras da ideia ou da verdade no mundo¹³. Tudo isso combinado com um naturalismo do submundo. Seu locus são as grandes estradas, bordéis, tabernas, covis de ladrões, feiras, prisões, orgias eróticas, cultos secretos, perfazendo a ideia de uma espécie de salvação pelos dejetos em que a ideia não teme o ambiente do submundo nem a sujeira da vida¹⁴. Na menipeia triunfam as síncri-ses, ou seja, o confronto com os problemas derradeiros do mundo, seja na terra, no Olimpo, nos infernos, de tal modo que o limite se apresenta como correspondente ao campo da ética. A palavra inoportuna por sua franqueza irônica além de provocar riso desmascara e profana o sagrado, viola a etiqueta, desmorona o poder e desestabiliza o saber ao eliminar de modo carnavalesco, a distância entre os seres, quebrando as hierarquias¹⁵.

O riso carnavalesco é ambivalente e relaciona com o riso ritualístico que se volta para o supremo achincalhando-o, ridicularizando-o para provocar sua renovação. Ridicularização e júbilo como performance da morte e renascimento¹⁶. O riso se mostra eficaz naquilo que era inacessível ao sério.

O monólogo da *apparola*¹⁷ implica que se a interpretação sugerir que há um querer dizer alguma coisa, ela mostra que não se quer dizer nada. “Para reencontrar o *isto quer gozar*, é necessário passar pelo *isto não quer dizer nada*”¹⁸, e neste caso, a interpretação analítica deve estar do lado da escrita. Sendo assim, tudo que eu disse sobre o diálogo e o riso estariam caducos?

Não! Tanto o diálogo socrático quanto as menipeias, por suas relações com o carnavalizado demonstram que os discursos não passam de semblantes. Não se inscrevem no Outro, mas apontam que o Outro não existe e que o laço social é uma escroqueria¹⁹. A questão é que se o

13 *Ibid.*

14 *Ibid.*

15 *Ibid.*

16 *Ibid.*

17 MILLER, J.-A. “O monólogo da *apparola*”. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Edições Eolia, nº 23, 1998.

18 *Ibid.*, 76.

19 MILLER, J.-A. “Clínica Irônica”. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

monólogo da *apparola*, o monólogo do gozo é fundamental na clínica, não chegaremos lá com monólogos, nem com peles de leões, ou magos hiperbóreos. Seja na clínica, nas conversações, jornadas ou na formação permanente, talvez precisemos de dialogicidade, menipeias, polifonias, não perdendo de vista o campo do sério-cômico como correlato de uma clínica irônica.

MACUNAÍMA É UM GAIO DE SARAPANTARI!

Emelice Prado Bagnola
Silvana de Oliveira
Participantes da Comissão de Livraria das XII
Jornadas da EBP-SP
Associadas ao CLIN-a

“Ai! Que preguiça!...”. Macunaíma nasce como um Tapanhumas, indígena de pele escura, preto retinto e é reticente para entrar na linguagem. Ler “Macunaíma” nos faz rir de algo, de uma poesia incompreensível algumas vezes. Do inesperado das soluções e saídas desse herói da língua à invenção de algo novo para existir frente aos mistérios, ao encontro com o homem máquina e a máquina homem. Ele nos atualiza algo que está e surpreende como diria o poeta:” E aquilo que nesse momento se revelará aos povos. Surpreenderá a todos não por ser exótico. Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto. Quando terá sido o óbvio”¹.

Seguindo o seu movimento, cena após cena, como em um labirinto, sua metamorfose, sua polifonia, é interessante o acento dado por Verônica Stigger: “Macunaíma não vale nada, mas acabamos nos apaixonando por ele. Ele nos diverte, porque nos faz rir. Mas não só. É aí que entramos no segundo significado de diversão. Macunaíma nos diverte porque nos desencaminha. Diversão segundo o grande dicionário “Houaiss”, mudança de direção”².

Será aí que o amor de transferência, com sua particularidade, pode entrar?

Mário de Andrade estava pesquisando a música popular, a cultura popular e as narrativas populares, quando encontrou um livro do etnólogo Koch Grunberg sobre a Amazônia. Escreve “Macunaíma” em seis dias. Poderíamos tomar a escrita deste livro como efeito de leitura? Mário estava interessado em diminuir as diferenças entre o erudito e o popular, “vagamundando”, experimentando a linguagem, inventando e despregando o texto das vias do sentido romântico para privilegiar a cena.

Então, para as Jornadas do R.I.S.o, circunscrever algo entre a cena primária e o chiste, colocando em perspectiva o tratamento do gozo, gerou movimento. Escutamos com Lacan: há sempre um resto, muiraquitã, a falta da falta, bem como as marcas no corpo das primeiras cócegas. “O inaudito é que isso ganhou sentido e se deu arrumado de qualquer jeito”³.



Obra de Mário de Andrade foi adaptada para o cinema, em filme considerado por críticos um dos cem melhores da filmografia nacional — Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/09/15/por-que-macunaima-lancado-ha-90-anos-e-muito-mais-do-que-um-livro-de-vestibular.ghtml>

1 Um índio, música de Caetano Veloso, 1976.

2 ANDRADE, M. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. José Olímpio: Rio de Janeiro, 2022. p. 14.

3 LACAN, J. “A Terceira”. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Edições Eolia, nº 62, 2011, p. 14.

Miller no curso “La fuga del sentido”, afirma que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, pois, em primeiro lugar, é para dar prazer que falamos e sublinha que a investigação de Freud sobre o chiste, uma das formações do inconsciente, consiste na diferença marcada por ele entre o chiste inocente, ou seja, puro jogo de significantes e o chiste chamado tendencioso. Ele destaca, do livro de Freud, o capítulo sobre as intenções do chiste e deixa a questão: “O que são essas intenções de que fala Freud?”⁴.

O chiste tendencioso agrega uma pulsão. É um chiste que está a serviço das pulsões. Portanto, há um buraco entre pulsão cifrada e não decifrada, por onde um vento pode passar também através do riso. Consentimento com o mal-entendido e com o corte no sentido fixado. Está aqui um ponto chave – poderíamos formular desta maneira – dos usos do riso, que aponta não mais para o sentido e sim para o sentimento de vida do sujeito.

Introduzimos zonas do riso para destacar uma operação de borda, que ressoa para nós, através da pergunta de Rômulo Ferreira da Silva que está no argumento: “Um tratamento analítico conduz à passagem da tragédia à comédia? Como não dar risada ao retomar a história tão sofrida depois que tudo se desfaz em um *blá-blá-blá* sem sentido, de voltas e voltas ao redor de um tal de objeto?”⁵. Uma pergunta de pesquisa que aponta para o furo. Furo central no corpo, lá onde os giros da demanda não foram capazes de envelopar a demanda no sintoma, como Miller apresenta na aula de 19/ janeiro/2011, em seu curso *O Ser e o Um*.

Como um significante de chegada passa a um significante de entrada e, mais ainda, como aguardar que o sujeito sintomatize sua angústia e, assim, possa levar um pouquinho mais longe o desejo de curar-se de uma língua dizendo palavras?

“Macunaíma” revela que deixemos cair algo para fazermos do óbvio uma invenção subversiva em tempos de radicalidades e desumanizações. Faremos com risos, risos estes que se valerão do um a um, do inconsciente de cada um e do objeto que cada um puder extrair para que advenha algo inesperado! Que possamos consentir! Veremos, *a posteriori*, e por agora seremos uma tribo que se move para que não se deixe capturar pelas ordens do capital, mas deixemos uma nova invenção a partir do discurso que nos cabe.

Macunaíma é Gaio!

Pois bem, já é outubro, nas Jornadas do R.I.S.o seremos e conversaremos a língua Tupi Guarani de Macunaíma, uma língua chistosa e cairemos no riso do que emerge da fala e do trabalho de cada um? Nos surpreenderemos com algo que era um riso até então desconhecido em nós?

É a nossa aposta!

4 MILLER, J.-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 318.

5 SILVA, R. F. “Argumento”. In: *Boletim GAIO*, nº 1, 2023. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/jornadas/xii-jornadas-r-i-s-o/xii-jornadas-r-i-s-o-argumento/>

ESP DE UM RISO

FUTURO DA PSICANÁLISE: R.I.S.O?

Carlos Ferraz Batista
Participante da Comissão de Referências
Bibliográficas

No texto de Miller, *Clínica Irônica*¹, há uma descrição do esquizofrênico, que proporciona informações vitais para pensarmos a psicanálise por vários âmbitos.

Neste verbete, em meio ao R.I.S.O e a ironia, gostaríamos de propor uma articulação do Real com a política da psicanálise.

Para ilustrar nossa proposta, retomaremos o texto supracitado de Miller: o esquizofrênico é aquele que “se especifica por não ser apreendido em nenhum discurso, não se defende do real pelo simbólico, porque para ele o simbólico é o real, contexto que se refere à ironia, não ao humor”².

No argumento³ das Jornadas EBP-SP, Rômulo aproxima a ironia com a tática, constituindo-se em recurso efetivo para a prática clínica por meio da interpretação. Em sua estratégia, o praticante poderá fazer uso da ironia como tática. Aqui já está lançado um desafio aos praticantes!

Retomando nossa proposição, apesar dos ataques que a psicanálise recebe, um fato inquestionável é que há opacidade no sintoma. Um inatingível e inapreensível. Segundo Lacan: “O sentido do sintoma é o real, na medida que ele se põe de través para impedir que as coisas caminhem”⁴. Contexto que questiona a cultura, a qual visa a completude e plenitude.

Apesar das tentativas frustradas de assassinato da psicanálise, ela resiste! Sua permanência na cultura se deve ao Real.

Se Lacan salvou a psicanálise, em sua releitura e acréscimos importantes, a Escola está na linha de frente na batalha travada pela psicanálise.

A defesa da psicanálise perpassa pelo Real. Paradoxalmente, sem o fracasso, a psicanálise se encaminhará para o ostracismo.



O que Sobra (1974), Anna Maria Maiolino

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra63224/o-que-sobra>

1 MILLER, J.-A. “Clínica Irônica”. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

2 *Ibid*, p. 190.

3 SILVA, R. F. “Argumento das XII Jornadas da EBP Seção São Paulo”. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/jornadas/xii-jornadas-r-i-s-o/xii-jornadas-r-i-s-o-argumento/> Acesso em: 18/05/2023.

4 LACAN, J. *A terceira*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2022, p. 27.

Destarte, se Rômulo primorosamente aliou ironia com interpretação, que tática poderemos utilizar, na defesa da psicanálise, nos meandros da ironia e do R.I.S.o? Que nossas Jornadas possam alicerçar o futuro da psicanálise, servindo-se do R.I.S.o!

ESTÃO FAZENDO ARTE

A ARTE COMO TERCEIRO

Flavia Corpas - Coordenadora da Comissão de Arte e Cultura das XII Jornadas da EBP Seção São Paulo
Patrícia Ferranti Bichara - Coordenadora da Comissão de Arte e Cultura das XII Jornadas da EBP Seção São Paulo - Membro da EBP/AMP

Neste último Boletim Gaio, gostaríamos de depositar, compartilhar e, quem sabe, transmitir algo que extraímos do trabalho na Coordenação da Comissão de Arte e Cultura das XII Jornadas R.I.S.o. Comissão nova e desafiadora, que relançou questões sobre a articulação entre arte e psicanálise, tendo como mote o riso e sua pluralidade no que interessa à psicanálise de orientação lacaniana.

Arte para quê?

O filósofo e dramaturgo francês Alain Badiou nos diz que a “relação entre psicanálise e arte é sempre um serviço oferecido apenas à psicanálise. Um serviço gratuito da arte”¹. Nos atreveremos a deslocar essa afirmação da crítica maior proposta por ele, para ficar apenas com a ideia de que a psicanálise se serve da arte, e não o oposto, o que descambalaria, como demarca o próprio filósofo, para uma psicanálise aplicada à arte, nada mais distante do que propõem Freud e Lacan.

Interpretar a arte é o que Freud sempre descartou, sempre repudiou; o que chamam psicanálise da arte é ainda mais descartável que a famosa psicologia da arte, que é uma noção delirante. A arte temos que tomá-la como modelo, como modelo para uma outra coisa, quer dizer, para fazer dela esse terceiro que ainda não está classificado, esse algo que se apoia na ciência de um lado e por outro toma arte como modelo.²

Portanto, atravessar o campo de tensão entre arte e psicanálise, ainda que possa abrir caminhos para a arte, como atestam pensadores deste campo – Didi-Huberman, Hal Foster, Hubert Dasmich, Rosalind Krauss, para citar alguns – para nós psicanalistas é da experiência analítica e do discurso analítico que se trata.

Interpretação, ready made e Witz



A Fonte (1919), Marcel Duchamp.

1 BADIOU, A. *Pequeno Manual de Inestética*. São Paulo: Estação Liberdade. 2002, p. 18.

2 LACAN, J. *O Seminário, livro 21: os não-tolos erram*. Aula de 09 de abril de 1974. Inédito.

Em “A terceira”³, Lacan afirma que a interpretação sempre deve ser o *ready made*⁴, invenção do artista francês Marcel Duchamp, cujo percurso segue pela via do humor e ironia. “Nossa interpretação deve visar o essencial no jogo de palavras, para não ser aquela que nutre de sentido o sintoma”⁵.

No *Seminário* 24⁶, Lacan aproxima a interpretação da escrita poética e do *Witz*. Se a poesia pode servir de inspiração ao analista, ele nos adverte de que não se trataria daquilo que, da poesia, se articularia à noção de belo, tão comumente associada à arte – a despeito de todas as torções já operadas pela arte contemporânea, como é o caso do *ready made*. “Não temos nada a dizer de belo. É de uma outra ressonância que se trata, a ser fundada no chiste. Um chiste não é belo. Ele se ocupa de um equívoco”⁷. Neste sentido, poderíamos dizer que haveria algum parentesco entre o *Witz* e o *ready made*, em termos de acontecimento, o riso testemunhado no corpo, e no modo singular do uso da linguagem, num roçar, num sussurro de *lalíngua*?

O Witz e suas relações com o inconsciente real

Na cena psicanalítica inaugurada por Freud, o riso estreia pela via do *Witz*⁸. Interrogando os saberes da psicologia e da estética, fazendo uma articulação entre linguagem e inconsciente, Freud busca o que há de específico no chiste, “cuja qualidade e sentimento de satisfação mostrado por aquele que ri – Freud insiste nisso – vem essencialmente do material linguístico”⁹. Um chiste produz riso e ganho de prazer. Do que se trata? Abre-se assim, a problemática do riso para Outra cena, o inconsciente freudiano.

Com Lacan, temos um segundo ato, cujo desfecho articula o *Witz* e a interpretação fora do sentido. Contudo, não se trata apenas de Outra cena, há algo a mais: não estamos mais na primeira tópica de Freud, e sim no último ensino de Lacan, que nos conduz ao inconsciente real.

Marcus André Vieira¹⁰ demonstra com Lacan que o chiste produz uma nomeação que abre uma porta: é passagem a Outra cena. Mas por ser uma nomeação, ele também produz um a mais, uma via ao gozo. No *Witz* encontramos o que precisa ser dito, mas não se podia dizer e, ao mesmo tempo, o gozo. “É preciso examinar a Outra cena, face histórica, transfe-

3 LACAN, J. “A Terceira”. In: *Opção Lacaniana*, nº 62. Escola Brasileira de Psicanálise, 2011, p. 25.

4 Objetos manufaturados, como um porta-garrafa, uma pá de neve ou uma roda de bicicleta, “aos quais Duchamp atribuiu o status de obras de arte pelo simples fato de escolhê-los e assiná-los”. (TOMKINS, C. *Duchamp: uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 23). Ainda que possamos recorrer a esta definição, Duchamp afirmava que “o curioso sobre o *ready made* é que eu nunca arrumei uma definição ou explicação que me deixasse totalmente satisfeito” (*Ibid.*, p. 181), ou seja, trata-se de algo que escapa ao sentido estabilizado. A esta impossibilidade, Duchamp chamou de jogo entre “eu” e “mim”.

5 LACAN, J. “A Terceira”. In: *Opção Lacaniana*, nº 62. Escola Brasileira de Psicanálise, 2011, p. 25.

6 LACAN, J. “Rumo ao significante novo”. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 22, ago.1998.

7 *Ibid.*, p.11.

8 FREUD, S. “O chiste e sua relação com o inconsciente”. In: *Obras Completas* volume 7: Companhia das Letras, 2017.

9 FREUD, S. “*Conferencias y charlas en universidades norte-americanas*”. Disponível em: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/2.5.1.26%20%20%20%20CONFERENCIAS%20Y%20CHARLAS%20EN%20UNIVERSIDADES%20NORTEAMERICANAS,%201975.pdf>

10 VIEIRA, M. A. “Rir-se”. In: *Gaio#5 Boletim Eletrônico das XII Jornadas da EBP – Seção São Paulo*.

rencial do inconsciente que a porta do chiste nos abre, assim como o “nada a mais a encontrar” do gozo [...], o inconsciente real”¹¹.

Como passagem a Outra cena, o *Witz* nos dá, porém, a chance de pegar algo da experiência com o gozo e descarregá-lo no riso. Parece que é justamente por isso que, pela via da interpretação como *Witz*, uma análise tende a aumentar o número de risadas.

O ready made e a época do fim do belo

Durante muito tempo a arte funcionou como produtora de um objeto particular e idealizado no interior do que Lacan chamou de barreira do belo¹². Sua função é encobrir o verdadeiro¹³, que neste contexto pode ser entendido como a “verdade” sobre o gozo maciço, não simbolizável, atribuído ao real e à Coisa. Mas, ao mesmo tempo, a arte responde a uma exigência contraditória. Trata-se da função véu, “cobrindo e deixando adivinhar, ao mesmo tempo, o caos interno sob o qual se apresenta para o sujeito seu organismo e o horror do corte que nele efetua o sistema significante”¹⁴.

Como demarca Marie-Hélène Brousse, hoje a barreira do belo acabou: é o objeto *a*, sem véu, que se adianta. Há um corte operado pela arte contemporânea, especificamente com Duchamp, considerado um dos seus precursores. Os objetos da arte contemporânea ultrapassaram a barreira do belo.

A idealização não governa mais a abordagem que a arte faz do objeto pulsional, este que “corre entre os objetos comuns e anima nosso mundo, nossos corpos, nossos hábitos, nossos estilos de vida e, portanto, nossos modos de gozo¹⁵. Na verdade, há um bom tempo, os artistas já nos ensinam quanto às modificações das modalidades de gozar de uma determinada época¹⁶.

O objeto da arte não se apresenta mais como *agalma*, e sim a partir do objeto comum. Interpretando os objetos comuns, o artista os separa e os articula aos objetos *a*, interrogando os nossos modos de gozo¹⁷.

Ressoam aqui as palavras de Lacan: “Não temos nada a dizer de belo”.

Produzir ondas: ressoar

De que outra ressonância se trata, a ser fundada no chiste, e que diz respeito à interpretação? Aqui o *ready made* nos ajuda, já que nos ensina que a interpretação psicanalítica deve se sustentar no jogo de palavras, para não ser aquela que nutre o sentido. A interpretação, nos diz

11 *Ibid.*, p. 7.

12 LACAN, J. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 265.

13 *Ibid.*

14 BROUSSE, M. H. “O objeto de arte na época do fim do belo: do objeto ao abjeto”. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n.º. 52, 2008, p. 174.

15 *Ibid.*

16 BROUSSE, M. H. “Conferências de Marie-Hélène Brousse”. In: *Arquivos da Biblioteca*, v.5, 2008, p. 54.

17 BROUSSE, M. H. “O objeto de arte na época do fim do belo: do objeto ao abjeto”. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n.º. 52, 2008, p. 173.

Lacan, não se presta à compreensão, tal como o *ready made*, a poesia, enfim, a arte, ela “é feita para produzir ondas”¹⁸.

Um chiste se ocupa de um equívoco, assim como um sonho e um ato falho. Contudo, diferente das outras formações do inconsciente, nos reconhecemos no chiste porque ele comporta *lalíngua*¹⁹. O *Witz*, aquilo que se diz a partir do inconsciente, participa do equívoco que é seu princípio, ou seja, a equivalência do som e do sentido²⁰. O som aqui deve ser tomado não como registro sonoro, mas pelas vias da voz como objeto *a*, “tudo aquilo que do significante, não concorre para o efeito de significação”²¹.

Ressoar, som e fora do sentido, estas parecem ser as vias pelas quais o *Witz* ecoa a surpresa, o inesperado, o absurdo que ele introduz ao manejar o material linguístico específico e singular do qual se ocupa a psicanálise, a palavra em sua dimensão de letra e *lalíngua*.

Segundo Miller²², o *Witz* [*mot d'esprit*], “é uma forma de espírito que não se eleva até o alto, mas se articula essencialmente na letra. Se há um espírito da psicanálise, ele está articulado, enraizado na letra”.

Concha Lechón²³ destaca a homofonia forçada por Lacan em “O aturdido” entre riso [*rie*] e nada [*rien*], colocação que vem na esteira do neologismo de Demócrito para descrever o átomo, *den*, o menos que nada. Assim, ela nos lembra que Lacan estaria jogando com o riso e o nada, esse nada do qual nos aproxima o percurso analítico, em suas voltas com o que causa o desejo, fazendo com que uma letra caia e, assim, se ri.

O som se propaga em ondas, perturbações periódicas, segundo a física. E o que nos testemunham Dalila Arpin e Esthela Solano²⁴, em situações que o riso irrompe em uma análise, é que rir pode dar a maior onda.

18 LACAN, J. *Conferencias y charlas en universidades norte-americanas*. Disponível em: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/2.5.1.26%20%20%20%20CONFERENCIAS%20Y%20CHARLAS%20EN%20UNIVERSIDADES%20NORTEAMERICANAS,%201975.pdf>

19 LACAN, J. *Seminário 24: L'insu que sait de l'une-beuve s'aile à mourre*. Aula de 16 de novembro de 1976.

20 Ressaltamos aqui uma aproximação entre o chiste e a poesia, que como demarca Lacan também une, estritamente, o som e o sentido (Lacan, J. “Rumo ao significante novo”. In: *Opção Lacaniana*, nº 22, 1998, p. 11).

21 MILLER, J-A. “Lacan e a voz”. In: *Opção Lacaniana on-line nova série*. Ano 4, número 11, julho 2013. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero11/texto1.html>

22 LACAN, J. *Los Divinos Detalles*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 9.

23 LECHÓN C. Pai-versamente orientado. In: *Scilicet: A Mulher Não Existe*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2022, p. 104.

24 BATISTA, M. C. D. et al. “Eixo III: Modos de usar ou manual do riso na clínica”. In: *Gaio#4 Boletim Eletrônico das XII Jornadas da EBP – Seção São Paulo*, p. 17.

ACONTECE NA CIDADE

Comissão de Acolhimento

35ª Bienal de São Paulo

O maior evento de arte contemporânea das Américas está no ar! A **35ª Bienal de São Paulo** vem com o tema **Coreografias do Impossível** que promete bastante movimento no mundo das artes plásticas. A mostra vem retratar as inquietações de um mundo pós-pandêmico, sem abrir mão das questões que permeiam as esferas sociopolíticas e ambientais.

Uma das novidades desta edição foi a não escolha de um curador-chefe, movimentação que propõe uma espécie de dissolução de um modelo hierárquico, vem dar voz a formatos artísticos de vários territórios ao redor do mundo e vai ao encontro do singular, como define o presidente da Fundação Bienal de São Paulo, José Olympio da Veiga Pereira.

Nos próximos três meses, o Pavilhão do Parque do Ibirapuera reúne 121 participantes com aproximadamente 1.100 obras que dialogam, provocam e fazem questões a seus visitantes. Com entrada franca e de fácil acesso, as portas da Bienal se abrem aos olhares curiosos que buscam, através de intervenções artísticas, maneiras de ingressar no pensamento atual.

Se antes era preciso uma descrição pré-interpretativa do que é exposto, hoje parece que a obra vem a falar por si mesmo. Destaca-se três instalações, dentre muitas, para comentar a presença forte da diversidade étnica, sexual e cultura. Fica imprescindível advertir que, nos tempos atuais, é preciso deixar que os impactos das obras toquem diretamente cada falasser.

O filipino multiartista, **Kidlat Tahimi**, aprisiona o observador num cenário monocultural, composto por um excesso de esculturas híbridas. Conjunto de obras resultantes de uma apropriação antropofágica pela chegada das narrativas coloniais e imperiais sobre os mitos indígenas. Belas esculturas são destaque, além do uso de materiais naturais como reciclados e madeiras. Local de grande visibilidade e circulação e que merece muitos minutos do seu tempo.

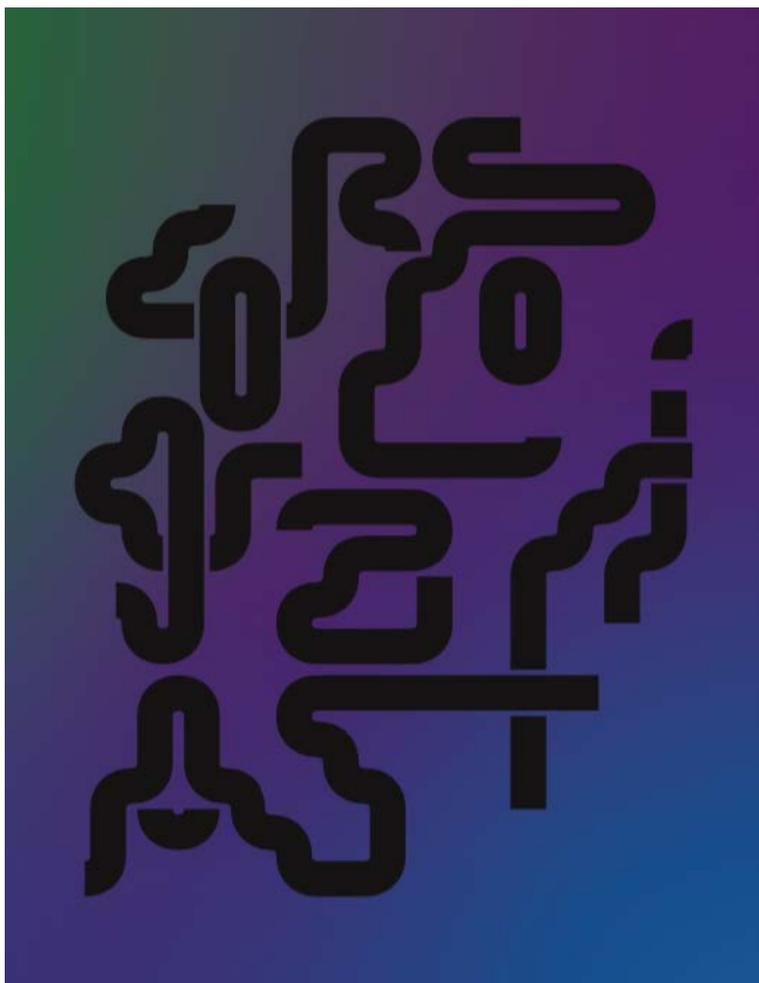


Imagem: Catálogo 35a Bienal de São Paulo

O **arquivo da memória trans** é uma instalação argentina idealizada por María Belén Correa e Claudia Pía Baudracco, que vem simbolizar, através de uma clipagem com 15 mil peças - entre imagens, cartas e recortes de jornais -, a vida de pessoas transexuais. Um rico acervo de momentos de glória à fragmentos de hostilidade que remonta a incompreensão de uma sociedade de época. Uma sala memorável! Trata-se de um esforço coletivo que visa manobrar o rechaço para apostar na resistência. Pessoas transexuais existem!

O sul-africano, Igshaan Adams, artista e performance, mais conhecido por contestar as fronteiras sexuais, raciais e religiosas, apresenta **Samesyn**. Uma cenografia interativa que produz encantamento com tecelagens feitas a partir de materiais com pouco valor: miçangas coloridas, conchas, búzios, fios de arame e tecidos trançados que mudam de perspectiva do simples para o belo. Essa provocação óptica faz existir o possível dentro das artes decorativas aliado a insumos encontrados em casas menos abastadas. Se de longe um visual pós-apocalíptico encanta, de perto estamos diante de materiais do cotidiano. É um movimento que entorpece os sentidos e condiciona ao novo.

Se o papel da arte é nos provocar, nos colocar inquietos, talvez uma das grandes questões seja: Como reorganizar um novo mundo através de seus singulares incluindo os restos de outra época?

A dica é baixar o catálogo para organizar melhor a sua visita! E bom passeio.

Catálogo: <https://35.bienal.org.br/publicacao/catalogo-35a-bienal-de-sao-paulo/>

Informações sobre o serviço:

- De 6 setembro – 10 dezembro, 2023
- ter, qua, sex e dom, 10h – 19h (última entrada às 18h30) quinta e sábado, 10h – 21h (última entrada às 20h30) entrada gratuita
- Av. Pedro Álvares Cabral, s.n. - Parque Ibirapuera, Portão 3 / Pavilhão Ciccillo Matarazzo São Paulo, SP, Brasil.
- Maiores informações: <https://35.bienal.org.br/>

XII Jornadas da EBP - Seção São Paulo 2023 R.I.S.o

PROGRAMA

SEXTA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO

PLENÁRIAS:

09h00 CREDENCIAMENTO

10h00-10h30 ABERTURA

Niraldo de Oliveira Santos, Diretor Geral da EBP-SP

Gustavo Oliveira Menezes, Coordenador Geral das XII Jornadas

Rômulo Ferreira da Silva, Coordenador da Comissão de Orientação

Eliane Costa Dias, Presidente do Conselho da EBP-SP

10h30-12h00 Conferência: ACONTECIMENTO RISO

Gustavo Stiglitz (AME da EOL/AMP)

Coordenação: **Valéria Ferranti** (EBP/AMP)

12h00-14h00 PAUSA PARA ALMOÇO

14h00-19h30 SALAS SIMULTÂNEAS

SALA I

NO INÍCIO, O RISO

Coordenação: **Milena Vicari Crastelo (EBP/AMP)**
Teresinha Meirelles do Prado (EBP/AMP)

14h00-15h15

Uma tirada irônica online e um riso de angústia, **Marco Aurélio Monteiro Peluso**
O engodo de uma gargalhada, **Vera Furst**
Entre a mãe e a espada, **Tatiana C. Vidotti**

15h15-16h30

Morrer... de rir, **Ana Maria de A. Guerra**
Entrevistas preliminares e a ironia, **Lilian Beiguelman**
A cada um o seu R.I.S.o, **Cristiana Chacon Gallo (EBP/AMP)**

16h30-17h00 INTERVALO

SERIA TRÁGICO, SE NÃO FOSSE CÔMICO

Coordenação: **Cássia Maria Rumenos Guardado (AME da EBP/AMP)**
Heloisa Prado R. S. Telles (EBP/AMP)

17h00-18h15

O riso é feminino?, **Carolline Rangel**
O analista como um leitor da ironia, **Fernanda Marra**
O riso de Lilith, **Paula C. V. Caio de Carvalho**

18h15-19h30

O amor, só R.I.S.o e o cômico, **José Azevedo**
Entre eles, o riso, **Fabio Saad**
Rir para não chorar, **Heloisa Silva Teixeira**

SALA 2

HUMOR, IRONIA E SEMBLANTES

Coordenação: **Alessandra Sartorello Pecego (EBP/AMP)**
Jovita Carneiro de Lima (EBP/AMP)

14h00-15h15

Quando o humor pesa, **Durval Mazzei**

RISo que descortina o gozo, **Helena Testi**

As lágrimas que lavam seu só riso, **Sonia Perazzolo**

15h15-16h30

Ironia, psicanálise e risos, **Camila Colás (EBP/AMP)**

O clown, o witz e o analista, **Elisangela Miras**

Witz: entre a política e a clínica, **Magno Azevedo**

16h30-17h00 INTERVALO

DISRUPÇÕES DO GOZO E POLÍTICA DO SINTOMA

Coordenação: **Patrícia Badari (EBP/AMP)**
Silvia Sato (EBP/AMP)

17h00-18h15

“Um museu de grandes novidades”, **Eliana Machado Figueiredo (EBP/AMP)**

De um choro ao riso, **Maria Noemi de Araujo**

O chiste como via de separação, **Maria Ludmila Mourão**

18h15-19h30

Bulimia: o R.I.S.o como signo de gozo, **Carlos Ferraz Batista**

O riso e sua interpretação, **Eduardo Vallejos**

B. ri? B. desangustia?, **Francine Negrão**

SALA 3

ROÇAR O REAL

Coordenação: **Carmen Sílvia Cervelatti (EBP/AMP)**
Marilsa Basso (EBP/AMP)

14h00-15h15

A poética de Zé Limeira, o absurdo que faz rir, **Glaucineia Gomes de Lima**

A cócegas que faz lalíngua, **Cynthia Gonçalves Gindro**

O riso-ato do analista, na percussão do Um, **Felipe Bier**

15h15-16h30

A transferência e o riso num caso de autismo, **Clarissa Carvalho**

O riso e suas múltiplas possibilidades, **Leny Magalhães Mrech (EBP/AMP)**

Burra, pobre, feia e sem marido: uma gargalhada, **Rodrigo Pedalini**

16h30-17h00 INTERVALO

BIOPOLÍTICA E SEGREGAÇÃO

Coordenação: **Luiz Fernando Carrijo da Cunha (AME da EBP/AMP)**
Maria Bernadette Soares de Sant'Anna Pitteri (EBP/AMP)

17h00-18h15

“Los agitadores” e este obscuro riso que agita os corpos, **Henrique Alves Lopes**

Quanto mais quente melhor... quando o semblante se torna paródia, **Rodrigo Almeida**

Tirando-Sarro-Rex: um Dino-Sarro na Câmara dos Deputados, **Rubens Berlitz**

18h15-19h30

Ironia política, **Paula Nathalie Nocquet**

A alegoria de rir do desconhecido, **Luiza Gerace**

Como o riso brinca com a dor de (r)existir, **Priscila Menegaço Boraschi**

Tarrindodoquê? Uma interpelação no riso impolítico, **Vera Lúcia Dias**

SÁBADO, 28 DE OUTUBRO

PLENÁRIAS:

- 9h00-10h00** **RISO E FINAL DE ANÁLISE**
Apresentam: **Ana Lydia Santiago** (AME da EBP/AMP)
Coordenação: **Angelina Harari** (AME da EBP/AMP)
- 10h00-11h10** **DA COMÉDIA DO FALO AO RISO DO UM SOZINHO**
Apresentam: **Mariana Galletti Ferretti**
Maria Josefina Sota Fuentes (EBP/AMP)
Coordenação: **Daniela de Camargo Barros Affonso** (EBP/AMP)
- 11h10-12h20** **DESDENHAR DO OUTRO**
Apresentam: **James Alberto de Moura Valeriano**
Mirmila Alves Musse (EBP/AMP)
Coordenação: **Fernando Del Guerra Prota** (EBP/AMP)
- 12h20-14h00** **PAUSA PARA ALMOÇO**
- 14h00-15h10** **SE FARTAR DE RIR**
Apresentam: **Camila Popadiuk** (EBP/AMP)
Izabel Abreu
Coordenação: **Maria do Carmo Dias Batista** (AME da EBP/AMP)
- 15h10-16h20** **CALENDÁRIO DA PEDRA**
Leitura de trechos da peça
Denise Stoklos, Diretora, atriz e escritora
- 16h20-16h50** **INTERVALO**
- 16h50-17h40** **RISO OU ÓDIO: QUAL O FUTURO DA PSICANÁLISE?**
Apresentam: **Fabrcio Donizete da Costa**
Jefferson Nascimento
Luisa Fromer Mazalli
Coordenação: **Sandra Arruda Grostein** (AME da EBP/AMP)

17h40-18h40

AMARRAÇÕES DO R.I.S.O

Gustavo Stiglitz (AME da EOL/AMP)

Maria Cecília Galletti Ferretti (AME da EBP/AMP)

Veridiana Marucio (EBP/AMP)

18h40

ENCERRAMENTO

Gustavo Oliveira Menezes (EBP/AMP)

Niraldo de Oliveira Santos (EBP/AMP)

RSRSRS



<https://gerineldo.com/no-le-atribuyas-cualidades-humanas-a-los-ordenadores-no-les-gusta-anonimo/>